

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Clemens Schuldt direção musical
Ilya Gringolts violino

20 Nov 2021 · 18:00 Sala Suggia

ANO ITÁLIA

CONCERTO DEDICADO AO CLUB PORTUENSE



casa da música

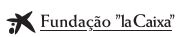
MECENAS ANO ITÁLIA 2021





Maestro Clemens Schuldt sobre o programa do concerto.
VIMEO.COM/647257356

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Niccolò Paganini

Concerto n.º 1 para violino e orquestra, em Mi bemol maior (1817; c.35min)

1. Allegro maestoso
2. Adagio espressivo
3. Rondò: Allegretto spirituoso

PAUSA TÉCNICA

Luca Francesconi

Duende – The Dark Notes, para violino e orquestra (2013; c.25min)*

1. [sem título] –
2. [sem título] –
3. [sem título] –
4. Ritual –
5. [sem título]

*Estreia em Portugal

PORTRAIT LUCA FRANCESCONI – COMPOSITOR EM RESIDÊNCIA

O virtuoso dos séculos XIX e XXI

O virtuosismo associado ao violino data do período barroco. A transformação na construção dos instrumentos e a emergência de músicos com grandes capacidades técnicas e expressivas contribuiu para a criação do género concerto. Nesse tipo de obras, um ou mais solistas exibiam as suas capacidades individuais, tornando-se referências internacionais. O concerto solista estabeleceu-se em três andamentos contrastantes num esquema rápido-lento-rápido, modelo que se prolongou no Classicismo. Aí, os instrumentistas apresentavam-se, sobretudo, em contextos de corte e de igreja, havendo algumas excepções. No final desse período, a criação de sociedades de concertos gerou um ambiente propício ao desenvolvimento de uma cultura de apresentação pública. A incorporação dos princípios da forma sonata e da cadência solista transformaram o género, antecipando desenvolvimentos posteriores. É a partir desse contexto que emerge o virtuoso romântico. A vida de alguns músicos passou a ser feita em digressão, em comboios e diligências, por toda a Europa e alguns territórios americanos. Assim, os *virtuosi* contribuíram para a disseminação dos ideais românticos de genialidade inata. Contudo, estes ocupavam um lugar particular na hierarquia das artes estabelecida na época. Por um lado, o Romantismo valorizava a música instrumental como veículo de expressão de uma realidade profunda e não verbalizável. Por outro lado, os *virtuosi* eram apresentados como uma extensão do entretenimento urbano, no qual a ópera italiana pontificava. Assim, oscilavam no binómio Arte vs. Entretenimento, um dos principais focos de tensão na primeira metade do século XIX. A apresentação de Niccolò Paganini fora de Itália acentuou essa

discussão, abrindo caminho a outros virtuosos, que se tornaram uma moda, sobretudo em Paris. Assim, músicos de vários territórios apresentavam obras de sua autoria que mostravam as suas capacidades. De obras a solo baseadas em melodias amplamente conhecidas, como as principais árias de ópera da altura, a concertos para instrumento solo e orquestra que exploravam as capacidades do compositor/intérprete. Neste contexto, a ligação ao sobrenatural ocupa um lugar destacado. Paganini era, frequentemente, relacionado com o Demónio. Num período fascinado pelo oculto, as suas capacidades só podiam estar ligadas ao lado negro do sobrenatural. Paralelamente, o *duende* flamenco é uma qualidade inexprimível e imaterial cuja irracionalidade se encontra, muitas vezes, associada à possessão demoníaca. O virtuosismo e o mundo sobrenatural dão o mote para o presente concerto, em que virtuosismos contrastantes se confrontam.

Escrito no final da década de 10 do século XIX, o **Concerto para violino n.º 1**, op. 6, encarna o primeiro impulso do virtuosismo romântico. Altamente inspirado pela ópera italiana e pela música militar, o seu carácter rapsódico foi um importante veículo para a apresentação de **Paganini** (Génova, 1782 — Nice, 1840) como violinista. Estreado em Nápoles a 31 de Março de 1819, antecedeu as digressões internacionais que transformaram Paganini num mito. Contudo, a sua fixação nos moldes que integram o presente concerto é recente, visto os *virtuosi* desenvolverem um grande secretismo em relação à sua actividade. Recorrendo à *scordatura*, a variação da afinação tradicional do instrumento, é uma obra de altíssima dificuldade que exhibe as capacidades do seu compositor/intérprete. Posteriormente, estabeleceu-se como peça canónica do repertório violinístico.

O *Allegro maestoso* evoca o contexto da ópera italiana da altura, dominada por compositores como Giovanni Paisiello e Gioachino Rossini. Os acordes da orquestra prendem a atenção do ouvinte desde o início, contrastando com uma leveza que evoca a vocalidade do *bel canto*. O primeiro tema é apresentado de forma afirmativa pela orquestra. Após uma transição baseada em elementos desse tema, Paganini apresenta o segundo grupo temático, de características líricas e *cantabile*. Posteriormente, o solista reapresenta os dois temas, numa entrada triunfante que retrata o virtuosismo brilhante da época. As figurasções violinísticas, baseadas em arpejos e cordas dobradas que percorrem o âmbito do instrumento rapidamente, contrastam com o lirismo introduzido abruptamente pelo compositor. Assim, o andamento oscila entre o virtuosismo pirotécnico e a expressividade do canto lírico da época. O tratamento orquestral parece saído de um teatro de ópera, concentrado no apoio ao solista. Segue-se uma secção contrastante cujo lirismo é enfatizado pelo recurso a timbres escuros. A alternância entre registos em esquemas de pergunta-resposta marca esse episódio. A atmosfera operática é recuperada na cadência, uma passagem de grande dificuldade que desemboca na curta recapitulação do material temático. Uma atmosfera misteriosa marca o início do *Adagio*, ao qual o recurso à percussão confere um carácter militar. O emprego de uma secção que emula a percussão dos janizaros turcos é um tropo importante na época, encontrando-se presente em obras de Mozart, Süssmayr ou Beethoven. O melodismo protagonizado pelo solista é acompanhado esparsamente pela orquestra, criando uma atmosfera trágica em que o *pathos* domina. Após essa mimetização da vocalidade operática, segue-se um andamento vivo e

em forma rondó. Introduzido pelos *pizzicati* da orquestra, o tema marcial é apresentado de forma triunfante. O reforço da atmosfera pela orquestra apoia os devaneios virtuosísticos do solista, que mostra as suas capacidades ao longo do andamento. A exploração do registo do instrumento, alternando passagens virtuosísticas rápidas com momentos líricos, dá por terminado um concerto que marcou o amanhecer do Romantismo.

Se o sobrenatural demoníaco ressoa em Paganini, é intensificado em *Duende — The Dark Notes*, concerto para violino e orquestra escrito pelo italiano **Luca Francesconi** (Milão, 1956) em 2014 e que hoje é apresentado em Portugal pela primeira vez. O compositor inspirou-se em Federico García Lorca na concepção da obra. Lorca, poeta, músico e estudioso do *cante jondo* andaluz, contribuiu para estabelecer um horizonte teórico para o estudo dessa música. Com o compositor Manuel de Falla, desenvolveu um trabalho essencial na pesquisa do flamenco, o qual, segundo ambos, se encontrava adulterado através de apresentações folclorizadas em centros urbanos. Infelizmente, esse trabalho foi interrompido pela Guerra Civil Espanhola, que conduziu ao exílio de Falla e ao fuzilamento de Lorca. O *duende* flamenco é algo irracional, imaterial e inexplicável. Cria uma relação directa entre músico e público de uma forma imediata, assemelhando-se a uma forma de possessão. É como se o espírito diabólico do flamenco tomasse conta do músico.

Registado por Lorca na década de 1930, o *duende* lança as bases para a obra de Francesconi. Encomendada pela Orquestra Sinfónica da Rádio da Suécia, pela Orquestra Sinfónica Nacional da RAI de Turim e pela Orquestra Sinfónica da BBC, foi dedicada à violinista Leila Josefowicz e à maestrina Susanna Mällki.

Estreada em Estocolmo a 21 de Fevereiro de 2014, a obra foi apresentada nos BBC Proms de 2015. Consequentemente, Francesconi foi o primeiro italiano a receber o prestigiado Royal Philharmonic Society Music Award por *Duende – The Dark Notes*.

No concerto, o devaneio e a fantasia representam o sobrenatural, criando uma atmosfera mágica e trágica em simultâneo. A oscilação permanente entre a quinta perfeita, intervalo que decorre da afinação tradicional do violino, e a quarta aumentada, o diabo em música, marca uma obra de grande intensidade em que o timbre desempenha um papel central. O primeiro andamento tem início com a exploração dos sobreagudos do violino pelo solista. Os *ostinati* circulares flutuam sobre as respostas curtas e pontilhistas da orquestra. Nela, curtas melodias aparecem e desaparecem num contexto polifónico. A troca de materiais entre os instrumentos, a percussividade e o recurso aos *portamenti* nos aerofones graves contribuem para uma intensificação da tensão, explorando as ressonâncias. Passagens camerísticas apoiam o solista e conduzem ao andamento seguinte. Nele, dominam os *ostinati* e os efeitos percussivos, traduzindo um *pathos* sublinhado pelos *portamenti*. Segue-se um andamento baseado na exploração da ressonância e na circularidade, cujas dinâmicas intensas marcam de forma segura. Os elementos melódicos evocam uma rusticidade que pontifica no papel do solista. Os timbres agressivos do violino e a sobreposição de células criam uma textura de caos sonoro, intensificado por efeitos nos aerofones. A agitação e o movimento marcam o andamento, em que grupos de instrumentos sobrepõem camadas até à suspensão final da narrativa. O andamento intitulado “Ritual” é caracterizado por uma textura esparsa, que apoia um lamento do solista. O estatismo é

reforçado pela sobreposição de notas isoladas e pela descontinuidade tímbrica. A sobreposição do solista nos sobreagudos sublinha os contrastes e apoia-se em ritmos percussivos num plano quase submerso. A flutuação compulsiva do solista em torno de um intervalo marca uma invocação ao sobrenatural que conduz ao final do concerto sem interrupção. Uma cadência é lançada no início do quinto andamento. As melodias sinuosas percorrem o espectro do violino a grande velocidade. A dificuldade do papel do solista é enfatizada com a entrada da orquestra em *ostinati* ondulantes. Instrumentos como o piano e o acordeão continuam uma tarefa quase omnipresente na obra, enriquecendo tímbricamente a peça. Notas e timbres emergem e submergem sob as notas sustentadas do solista. O retorno da atmosfera de quietude marca o fim de um concerto contemporâneo em que a figura do virtuoso foi profundamente transformada com auxílio do sobre-humano.

JOÃO SILVA, 2021

Clemens Schuldt direção musical

Um dos jovens maestros mais entusiasmantes a emergir na Alemanha, Clemens Schuldt é o Maestro Principal da Orquestra de Câmara de Munique. Aclamado pelas interpretações inovadoras do repertório clássico e romântico alemão, combina-as habilmente com obras contemporâneas e menos conhecidas.

Entre os momentos altos desta temporada com a sua orquestra inclui-se a gravação com Patricia Kopatchinskaja do Concerto para violino de Márton Illés, uma colaboração com a big band Jazzrausch e concertos nos Festivais de Dresden e Herrenchiemsee. Dirige prestígiados solistas como Nikita Borisov-Glebsky, Vilde Frang, Ilya Gringolts, Steven Isserlis, Mischa Maisky, Baiba Skride, Kian Soltani, Christian Tetzlaff e Alisa Weilerstein.

Nesta temporada estreia-se à frente da Sinfónica da BBC, da Filarmónica de Copenhaga, da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, da Orquestra da Konzerthaus de Berlim e da Staatskapelle Weimar. Dirige pela primeira vez no Canadá, como convidado da Sinfónica do Quebec. Regressa à Orquestra de Câmara Escocesa, às Filarmónicas da BBC e Turku e às Sinfónicas de Stavanger e Trondheim.

Na Europa, dirigiu as Sinfónicas de Bamberg, Alemã de Berlim, Bournemouth, Lahti e Barcelona, as Sinfónicas das Rádios WDR, SWR, ORF (Viena) e da Polónia, as Filarmónicas de Bremer, dos Países Baixos e de Estrasburgo, a Philharmonia Orchestra, a Orquestra Real Escocesa, a Orchestre de la Suisse Romande, a Orquestra da Ópera Norueguesa, a Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse e a Orquestra Sinfónica da Galiza. Nos outros continentes dirigiu as Sinfónicas de Oregon, Carolina do Norte, Yomiuri Nippon, Quioto, Xian e Tasmânia,

a Nova Filarmónica do Japão e a Sinfonietta de Hong Kong.

No domínio da ópera, estreou-se com a aclamação da crítica na Bienal de Veneza a dirigir *Written on Skin*, de George Benjamin, com a Sinfónica Nacional da RAI. Dirigiu uma produção aclamada de *Così fan tutte* com a Orquestra de Câmara de Munique em colaboração com a Academia de Teatro August Everding. Foi Maestro em Residência no Teatro Estatal de Mainz durante duas temporadas, onde dirigiu novas produções de *Norma* (Bellini), *Armide* (Gluck), *Faust* (Gounod) e *Rigoletto* (Verdi), apresentando também *O Holandês Voador* de Wagner. Anteriormente, apresentou-se nos teatros de Innsbruck, Gelsenkirchen e Osnabrück.

Clemens Schuldt venceu o prestigiado Concurso de Direção Donatella Flick (Londres, 2010) e foi Maestro Assistente da Sinfónica de Londres durante um ano. Nasceu em Bremen, estudou violino na Gürzenich-Orchester Köln e na Deutsche Kammerphilharmonie Bremen, enveredando posteriormente pelos estudos de direção de orquestra em Düsseldorf, Viena e Weimar.

Ilya Gringolts violino

O violinista russo Ilya Gringolts junta o virtuosismo à sensibilidade interpretativa e procura constantemente novos desafios musicais. Solista muito requisitado, dedica-se ao grande repertório orquestral mas também a obras contemporâneas ou raramente interpretadas, com um interesse adicional pela interpretação historicamente informada. Os seus programas de concerto incluem obras virtuosísticas de Tartini, Leclair e Locatelli. Recentemente estreou o seu próprio arranjo das *Variações Diabelli* de Beethoven. Interpretou novas obras de Peter Maxwell Davies, Christophe Bertrand, Bernhard Lang, Beat Furrer e Michael Jarrell, tendo estreado música de Augusta Read Thomas, Michael Jarrell, Christophe Bertrand e Albert Schnelzer. No Verão de 2020, fundou com Ilan Volkov a Fundação I&I para a promoção da música contemporânea, encomendando obras a jovens compositores. A primeira série de encomendas foi de obras a solo de Yu Kuwabara e Sky MacLachlan, estreadas na Rádio Escocesa da BBC e na Accademia Chigiana.

Começou esta temporada com a Sinfónica de Bamberg no Festival de Lucerna e apresentou-se como solista no concerto de aniversário do Ensemble Resonanz, na Elbphilharmonie. Foi convidado para tocar com as Sinfónicas de Viena e de Lahti, a Orquestra do Festival de Budapeste, as Sinfónicas das Rádio de Viena e SWR e a Orquestra da Tonhalle de Zurique (a sua terra natal), entre outras. Recentemente tem colaborado em diversos projectos com a Orquestra de Santa Cecília, as Filarmónicas de Helsínquia e Varsóvia, a Sinfónica da Cidade de Birmingham e a Orchestre National des Pays de la Loire. Na dupla condição de maestro e solista, apresentou-se com as Orquestras de Câmara Australiana e Franz Liszt, e nesta temporada

é convidado da Camerata Bern, da Orchestra della Svizzera Italiana e do Ensemble Resonanz.

Como resultado das distinções conquistadas pela gravação de *Il labirinto armonico* de Locatelli, em 2021 (Diapason d'Or e Escolha dos Editores da Gramophone), foi convidado para tocar e dirigir a Orquestra Barroca Finlandesa. Ainda neste ano, foi lançado o CD a solo *Ciaccona* com obras de Bach, Pauset, Gerhard e Holliger, também distinguido como Escolha dos Editores da Gramophone. Tem uma extensa discografia editada pela Deutsche Grammophon, pela BIS e pela Hyperion, entre outras. Nela incluem-se as gravações dos *24 Caprichos* de Paganini para violino solo e da segunda parte da integral de Stravinski (2018), com a Sinfónica da Galiza e Dima Slobodeniouk — premiadas com o Diapason d'Or.

Ilya Gringolts é primeiro violino do Quarteto Gringolts, que fundou em 2008 e com o qual se tem apresentado em prestigiados festivais de música (Salzburgo, Lucerna, Edimburgo) e em salas como o Concertgebouw de Amesterdão, a Elbphilharmonie de Hamburgo, a Konzerthaus de Dortmund e o Teatro La Fenice em Veneza. Em música de câmara, colabora regularmente com James Boyd, Itamar Golan, Peter Laul, Aleksandar Madzar, Nicolas Altstaedt, Christian Poltera, David Kadouch, Antoine Tamestit e Jörg Widmann.

Depois de estudar violino e composição em São Petersburgo, Ilya Gringolts estudou na Juilliard School of Music com Itzhak Perlman. Em 1998 ganhou o Prémio Paganini, tendo sido o vencedor mais jovem de sempre neste concurso internacional de violino. Foi nomeado “New Generation Artist” da BBC no início da sua carreira. Ensina na Accademia Chigiana (Siena). Toca num violino Stradivarius “ex-prové” de 1718.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Christian Zacharias maestro convidado principal

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann e Philippe Manoury.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, estando programada para 2021 a sua primeira actuação na emblemática Philharmonie de Colónia. Ainda este ano, apresenta um ciclo dedicado às sinfonias de Sibelius e novas encomendas da Casa da Música aos compositores Luca Francesconi, Francesco Filidei e Carlos Lopes.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos Concertos para piano e orquestra de

Beethoven e Rachmaninoff; e dos Concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020) e Peter Eötvös (2021), além de obras de compositores portugueses e da integral dos Concertos para piano e orquestra de Rachmaninoff (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa, foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), vindo posteriormente a ser criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Violino I

Martyn Jackson
 André Gaio Pereira*
 Radu Ungureanu
 José Despujols
 Maria Kagan
 Tünde Hadadi
 Roumiana Badeva
 Emília Vanguelova
 Vadim Feldblioum
 Ianina Khmelik
 Vladimir Grinman
 Andras Burai
 Alan Guimarães
 Mafalda Vilan*
 Clara Badia Campos*
 Diogo Coelho*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
 Nancy Frederick
 Tatiana Afanasieva
 Lilit Davtyan
 José Paulo Jesus
 Pedro Rocha
 Mariana Costa
 Karolina Andrzejczak
 Catarina Martins
 Domingos Lopes
 Francisco Pereira de Sousa
 Paul Almond
 Nikola Vasiljev
 Jorman Hernandez*

Viola

Mateusz Stasto
 Anna Gonera
 Jean Loup Lecomte
 Francisco Moreira
 Theo Ellegiers
 Luís Norberto Silva
 Rute Azevedo
 Biliana Chamlieva
 Hazel Veitch
 Emília Alves
 Carlos Monteiro*
 Marisa Moreira*

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
 Irene Alvar
 Sharon Kinder
 Aaron Choi
 Vicente Chuaqui
 Feodor Kolpachnikov
 João Cunha
 Michal Kiska
 Bruno Cardoso
 Hrant Yeranosyan

Contrabaixo

Rui Rodrigues
 Florian Pertzborn
 Jorge Villar Paredes
 Nadia Choi
 Joel Azevedo
 Altino Carvalho
 Tiago Pinto Ribeiro
 Sławomir Marzec

Flauta

Paulo Barros
 Ana Maria Ribeiro
 Alexander Auer
 Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
 Tamás Bartók
 Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
 Carlos Alves
 João Moreira
 Ricardo Alves*

Fagote

Maria Castro*
 Robert Glassburner
 Vasily Suprunov

Trompa

José Bernardo Silva
 Hugo Carneiro
 Eddy Tauber
 Bohdan Sebestik

Trompeta

Ivan Crespo
 Luís Granjo
 Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
 Dawid Seidenberg
 Nuno Martins

Tuba

Luís Oliveira*

Harpa

Iaria Vivan

Piano

Jonathan Ayerst*

Celesta

Vítor Pinho*

Acordeão

João Barradas*

*instrumentistas convidados

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

